

Perfil de Entrada dos Jovens do Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) em Rondônia (Brasil)

ELIANE SILVA LEITE

Professora Doutora, Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Campus de Presidente Médici

Presidente Médici, Estado de Rondônia, Brasil

EMILY DANIELLY XAVIER DE LIMA

Discente do Curso de Zootecnia

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Campus de Presidente Médici

TAINARA XAVIER GOMES ROBERTO

Discente do Curso de Zootecnia

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Campus de Presidente Médici

DICKSON DE MORAES

Discente do Curso de Zootecnia

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Campus de Presidente Médici

CLODOALDO DE OLIVEIRA FREITAS

Professor Doutor, Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Campus de Presidente Médici

Resumo

O trabalho destina caracterizar o Perfil de Entrada dos participantes no projeto Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) para juventude dos territórios de Rondônia, que tem por objetivo implantar um núcleo de estudo em agroecologia e produção orgânica com a participação de jovens do estado, visando o fomento de atividades de ensino, pesquisa e extensão para socialização de conhecimentos e práticas relacionadas à agroecologia. Logo, esta pesquisa apresenta o perfil dos 50 jovens participantes os quais são agricultores familiares oriundos de 20 municípios do estado. A descrição foi baseada no questionário e entrevista semiestruturada aplicada, no Seminário Inicial, sobre conceitos relativos aos temas que seriam trabalhados, dentre outras questões, planejando, após o término do projeto, verificar

se a participação no mesmo transformou de forma significativa a vida desses jovens. Constatou que os pesquisados possuem alguma compreensão acerca da agroecologia e que o interesse ao participar do NEA é por aumentar o conhecimento sobre práticas agroecológicas e sustentáveis, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida e geração de renda.

Palavras-chave: Caracterização, juventude, sustentabilidade, questionário.

INTRODUÇÃO

Estudos mostram a relevância da agricultura familiar na organização e na estruturação do espaço agrário no Brasil (ARRUDA; ARAÚJO; 2019). Ainda que ao longo dos anos este segmento da sociedade não tenha recebido uma atenção especial ou valorização no que tange as políticas públicas, quando comparados a outros segmentos, tal como a agricultura patronal (AZEVEDO; PESSÔA, 2011; SANTOS; MITJA, 2016).

Todavia, é basicamente na agricultura familiar que surge iniciativas que tende a contribuir com práticas mais sustentáveis, voltada para produção de alimentos saudáveis, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida e geração de renda.

Como exemplo, estão os sistemas de produção que dão sustentação aos processos produtivos no contexto da agroecologia (orgânico, biodinâmico, natural, ecológico, etc.). À vista disso, os agricultores familiares estão em uma transição da agricultura convencional para uma agricultura sustentável, ou sistemas orgânicos de produção sustentáveis, se identificando com o campo de agroecologia.

No Brasil, de acordo a com lei 10.831 de 2003, “considera-se produto da agricultura orgânica ou produto orgânico, seja ele *in natura* ou processado, aquele obtido em sistema orgânico de produção agropecuário ou oriundo de processo extrativista sustentável e não prejudicial ao ecossistema local” (BRASIL, 2003, art. 2º).

A agroecologia é uma ciência multidisciplinar que proporciona as bases científicas para a promoção de estilos de agriculturas mais

sustentáveis, numa perspectiva que favorece a busca da segurança alimentar e nutricional e o desenvolvimento rural equilibrado (CAPORAL; COSTABEBER, 2004; CAPORAL 2013).

De acordo com Machado (2013), a agroecologia não é apenas uma técnica de produção, pois se essa técnica não for acompanhada implicitamente das dimensões social, política, econômica, técnica, administrativa, energética, ambiental e cultural, será uma técnica convencional, sem o componente dinâmico que o diálogo incorpora ao processo.

Ela privilegia, em um primeiro momento, as dimensões agrônômica e ecológica e, em seguida, as dimensões sociológica e política (GLIESSMAN, 1990; GUZMÁN CASADO; MOLINA; GUZMÁN, 2000; ALTIERI, 2008). Dessa forma, a agroecologia se estabelece enquanto um paradigma científico em construção (RAMOS et al., 2017).

O conteúdo do que se entende por agroecologia, se constrói de forma sinérgica por meio de diferentes práticas sociais que tem como elemento comum a convicção da necessidade de uma ruptura, de caráter emancipatório, com o atual processo de desenvolvimento vigente nas sociedades contemporâneas (SILVA NETO, 2013, p. 4).

Caporal e Petersen (2011) ressaltam que uma das características marcantes da agroecologia no Brasil é um vínculo com a defesa da agricultura familiar camponesa como base social de estilos sustentáveis de desenvolvimento rural. Apesar da agroecologia não ter como princípio singular apenas a produção familiar, ela se torna base da produção em pequenas propriedades, além de assegurar e fortalecer a soberania alimentar.

Essas pequenas propriedades quando somadas quantificam a maior parte da produção do país. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), verifica-se um crescimento importante da produção orgânica mundial. No que se refere a número de produtores orgânicos vê-se um crescimento significativo, registraram em 2018, mais de 17 mil agricultores e de 22 mil unidades de produção orgânica, e se calcula que a área agrícola ocupada para tal produção no Brasil, em 2017, ultrapassou 1,13 milhão de hectares (IPEA, 2019).

Uma característica da agricultura familiar é ser formada por estas pequenas unidades de produções agrícolas, onde o trabalho está intimamente ligado à família (BIANCHINI et al., 2016). Logo, os jovens participam diretamente do trabalho familiar no estabelecimento agrícola (LAMARCHE, 1993).

De acordo com Foguesatto et al. (2016) a conscientização para conservação dos jovens no campo vem tomando maior espaço no embate referente ao desenvolvimento rural, devido à sucessão do homem do campo estar comprometida em virtude da aparência de melhores condições de vida nos grades centros urbanos. Uma vez que tem ocorrido no Brasil um intenso esvaziamento no campo, principalmente de jovens em busca de maiores oportunidades de trabalho, com predominância da migração feminina para centros urbanos (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998).

Logo, o êxodo rural que afeta a agricultura familiar atinge as populações jovens com mais ênfase que em momentos anteriores (COSTA JÚNIOR, 2007; TROIAN; BREITENBACH, 2018; KUSNIEWSKI; SEGANFREDO; BORBA, 2019). "A decisão de migrar se entrelaça com anseios de novos projetos profissionais, de estudos e de vida não rural" (KUMMER, 2013, p. 1-2).

No entanto ao se deslocarem da zona rural para uma nova trajetória nos centros urbanos, muitos jovens descobrem que a vida na cidade não é tão fácil como imaginavam. Nessa transição de um local para outro, encontram inúmeros desafios de adaptação, muitos jovens optam por subempregos para garantir a sobrevivência enquanto ingressam no ensino superior. E muitas das vezes acabam desistindo dos estudos, gerando vários problemas sociais, com destaque para o desemprego e o subemprego.

Neste sentido, o projeto Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) para juventude dos territórios de Rondônia, busca atender aos jovens da agricultura familiar que ainda permanecem na zona rural do estado de Rondônia, a vista de evitar esse êxodo e terem condições de permanecerem na propriedade.

Logo, o projeto NEA tem levado aos jovens embasamento teórico e prático de base agroecológica, permitindo a participação em encontros de formação nas temáticas de agroecologia, metodologias participativas, extensão rural, gestão de propriedade, agregação de valor a produção, segurança e soberania alimentar e economia

solidária. Além da participação em seminários, feiras, e incentivando-os a iniciarem ou continuarem a produção orgânica ou agroecológica em suas propriedades, mantendo a subsistência familiar a partir de suas produções.

O objetivo é fomentar atividades de ensino, pesquisa e extensão em uma construção coletiva para socialização de conhecimentos e práticas relacionadas à agroecologia, bem como a promoção dos sistemas orgânicos de produção sustentável e de base agroecológica na intenção de trazer alternativas aos jovens para permanecerem na propriedade rural. Nessa perspectiva, o projeto tem como foco manter esses jovens e suas famílias nas propriedades, buscando tecnologias para as produções sustentáveis e capacitando a mão de obra familiar.

Partindo desses pressupostos a caracterização do Perfil de Entrada desses jovens teve por finalidade compreender o entendimento deles dentro das temáticas que seriam abordadas nos encontros de formação, cujo objeto central é a agroecologia, inclusão produtiva e melhoria de vida da juventude no campo. Além de saber o interesse que os mesmos têm pela produção orgânica e agroecológica e o entusiasmo em participar do projeto, para futuramente avaliar a evolução dos mesmos dentro dos conceitos que foram trabalhados e a aplicação do aprendizado na propriedade.

METODOLOGIA

O projeto NEA iniciou suas atividades em 2018 e desde então vem atuando juntos aos jovens agricultores familiares em 20 municípios de seis territórios do estado de Rondônia. Ele é desenvolvido por meio da metodologia de pesquisa-ação participativa e visa atividades para socialização de informações e práticas referente à agroecologia, da mesma maneira o estímulo dos sistemas orgânicos de produção, sendo realizado em alternância com ações teóricas e técnicas de manejo sustentável. Considerando que,

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão

envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1996, p. 14).

A metodologia aplicada é baseada na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão harmonizando os instrumentos: análise de dados secundários, entrevistas semiestruturadas, questionários e capacitações ou cursos continuados, promovendo assessoria organizacional participativa, focada no fortalecimento e desenvolvimento da juventude, na produção orgânica e de base agroecológica, para fortalecer a inclusão social e produtiva de jovens agricultores.

A constituição brasileira de 1988, no artigo 207 estabelece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, onde diz que "As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão." (BRASIL, 2016, art. 207). Isso significa que as universidades devem trabalhar esses três pilares de forma proporcional.

Baseados nisto os dados da pesquisa foram coletados mediante aplicação de questionário e entrevista semiestruturada, aos jovens participantes com idade entre 17 e 31 anos, totalizando 50 agricultores familiares, todos residentes no campo. O questionário e entrevista foram elaborados no intuito de verificar as contribuições da proposta em prol dos partícipes e também para validação dos resultados. Os mesmos ao aceitarem participar do projeto também assinaram um termo de consentimento concordando com a pesquisa.

O questionário e entrevista foram aplicados no Seminário Inicial do projeto e indagava os participantes acerca do grau de instrução dos mesmos, do interesse no projeto, além de perguntar sobre: experiências, práticas e se comercializa produtos agroecológicos; o que entende por sustentabilidade, metodologias participativas, agricultura familiar, extensão rural, economia solidária e soberania alimentar, temas estes que seriam trabalhados futuramente nos encontros de formação.

A partir disso, poderia acompanhar a evolução dos participantes quanto aos conteúdos abordados e as experiências dentro do período de atuação do projeto. Além de, após a realização

desse, verificar se de fato a participação no curso resultou de forma significativa na vida desses jovens.

Ressalta-se que o projeto é desenvolvido em parceria com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia (FETAGRO), Rede de Agroecologia Terra Sem Males de Rondônia, Associação das Escolas Família Agrícola de Rondônia (AEFARO) e Instituto Padre Ezequiel Ramin (IPER). Sendo financiado como projeto aprovado na chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq n° 21/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito à ocupação dos jovens, uma grande parcela deles, 49%, se consideram apenas estudantes, apesar de viverem no campo. Já, 23% definem como estudantes e agricultores; outros 18% apenas agricultores e também há, em menor porcentagem, aqueles que são extrativistas, estudante e pecuarista, além de professor e técnico da Escola Família Agrícola (EFA). Cabe ressaltar que alguns já são casados e possuem filhos, desta forma possuem maior responsabilidade familiar em seus lares.

É notório o empenho dos jovens em estudar e capacitar-se para aprimorar os resultados das respectivas produções familiares, visto que aproximadamente 80% dos participantes do projeto estão estudando ou envolvidos em alguma atividade de ensino como professor e técnico da EFA e continuam residindo na propriedade.

Isto leva a compreender que as possibilidades de formação e incentivos quando estes jovens ainda estão no campo, impulsionam para diminuir os índices de êxodo rural. Algo próximo foi observado por Kusniewski, Seganfredo e Borba (2019), na pesquisa também com jovens onde verificaram que a educação que o jovem recebe na escola do campo tem influência na decisão dele em deixar ou permanecer na propriedade.

Nesse sentido, alguns dos jovens estão buscando aprimorar seus conhecimentos e viabilizar um futuro promissor fazendo graduações e cursos de formação. Dessa forma, associa-se o empenho dos jovens na participação deste projeto com a busca de melhorias na renda familiar, visto que cerca de 19% das famílias dos participantes sobrevivem com até um salário mínimo mensal, outros 72% disseram

possuir renda familiar entre um e três salários mínimos e apenas 9% uma renda de três até cinco salários. O salário mínimo na época da entrevista equivalia o valor de R\$ 954,00.

Desse modo os jovens relataram que buscam constantemente aumentar a arrecadação familiar com a venda dos produtos oriundos de suas propriedades e, aqueles que ainda não sabem como produzir de forma orgânica, desejam que o projeto contribua nesta perspectiva. De tal forma Aquino e Assis (2007) ressaltam a carência de desenvolver tecnologias e insumos específicos para produção orgânica, evidenciando a necessidade de se buscar apoio para a efetivação. Esta busca pode vir até mesmo de formações teórico-prático como proposta no projeto.

Quando perguntados sobre terem alguma experiência com a agroecologia, 83% deles disseram que já haviam realizado alguma prática agroecológica. Este ponto positivo, de que em algum momento anterior obtiveram contato com a agroecologia, também se dá pelo fato de vários participantes terem integrado projetos antecedentes a este, do grupo de pesquisa, envolvendo o tema agroecologia.

Sobre o conceito de práticas agroecológicas vê-se uma gama de respostas, de acordo com o entendimento de cada um. A explicação que mais se destacou foi que as práticas agroecológicas estão associadas principalmente a técnicas que não agridem o meio ambiente, isto para 44% dos jovens. A resposta que vem em seguida, com 29%, é plantar sem uso de agrotóxico. Dados ilustrados na figura 1.

Ademais surge, em menor ocorrência, a argumentação de que é o aumento na produção e biodiversidade, supõe-se que os jovens quiseram dizer neste quesito que a prática agroecológica traz um aumento para a produção e a biodiversidade. Também aparecerem as respostas relacionadas a aplicar conhecimento na propriedade, qualidade de vida e na alimentação, ciência sustentável e ainda os que não souberam opinar a respeito (figura 1).

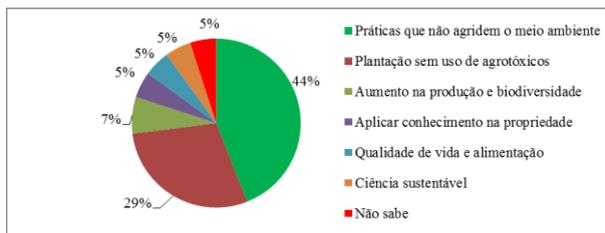


Figura 1. Conceito de práticas agroecológicas segundo os entrevistados.

Fonte: Elaborada pelos autores.

No geral, vê-se que eles já têm certa compreensão da proposta agroecológica enquanto estilo de agricultura sustentável, valorização da vida humana e todas as formas de vida, numa perspectiva que favorece a busca da segurança alimentar e nutricional sustentável, o desenvolvimento rural e permanência no campo. Tornando-se também base da produção e geração de renda nas propriedades familiares.

Nessa diretriz, Santos et al. (2014) avaliaram aspectos de ordem social, econômica e ambiental advindos das práticas dos agricultores familiares que comercializam semanalmente sua produção na feira agroecológica de Mossoró (RN). Eles observaram que, a criação da feira possibilitou o acesso ao mercado local, uma produção mais diversificada, aumento na renda familiar, colaborando com a permanência das famílias no campo.

Em se tratando do uso das práticas agroecológicas, Zanon et al. (2013) perceberam a grande aceitação por parte dos agricultores familiares entrevistados em Santa Maria (RS), na utilização das técnicas agroecológicas, pois os mesmos consideram que a agricultura convencional produz alimentos prejudiciais a saúde e os custos da produção são elevados.

Em relação ao conceito de metodologias participativas a maioria dos jovens expressaram a opinião para definir o assunto (figura 2), visto que 24% deles não responderam. Deste modo, 29% disseram que são estratégias de trocas de experiências e conhecimento. Outros 19% entendem que são métodos de organização e participação em projetos ou organizações. Também ponderaram que são ferramentas para alcançar objetivos e o fato de ser algo participativo e dinâmico, além de dizer a respeito das ideologias.

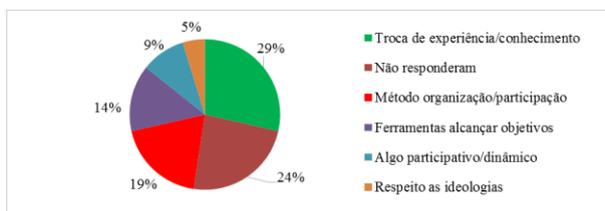


Figura 2. Conceito sobre metodologias participativas de acordo com os entrevistados.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tal conceito pode ser discutido e compreendido como um conjunto de técnicas e ferramentas que auxiliam e permitem que a sociedade trabalhe em união, divida experiências e busque alternativas administrativas que cooperem com seu desenvolvimento. Portanto, alguns têm certo entendimento do tema.

Ao propor trabalhar com metodologias participativas no projeto a ideia é criar e estimular relações dialógicas e problematizadoras, ou seja, incentivar a reflexão dos jovens sobre sua realidade, a conscientização sobre as causas radicais de seus problemas e capacitá-las a ação transformadora, conforme defendido por Alan Freitas, Alair Freitas e Dias (2012). Além de que são metodologias nas quais os sujeitos da pesquisa são considerados coprodutores de conhecimento (STRECK, 2016).

Silva et al. (2018) descreveram e analisaram a experiência desenvolvida por meio de metodologias participativas com um grupo de agricultores e puderam observar que,

(...) as metodologias participativas promoveram uma grande mobilização social durante os procedimentos formativos (...) Com isso, agricultores puderam reconhecer seu universo de possibilidades, direitos e compromissos com seu próprio contexto e no contexto da agroecologia (SILVA et al., 2018, p. 1).

Da mesma forma havia interesse em saber qual a percepção dos pesquisados a respeito de segurança e soberania alimentar. Logo, 46%, conceitua como produção e consumo de alimentos saudáveis, seguido de 32%, que dizem que segurança e soberania é ter o poder de decidir o que plantar, como irá cultivar e consumir. Outros 12% entendem segurança alimentar como políticas agrícolas. Surgindo

igualmente respostas como saber a origem do alimento e ter garantia de alimento, ambas com 5%.

Ter uma ideia sobre o que a juventude conjectura, inicialmente, a respeito de sustentabilidade interessava de sobremaneira a coordenação do NEA, pois é um dos temas norteadores de trabalho no projeto.

Logo, ao serem questionados sobre o assunto, 34% dos entrevistados declararam que o conceito de sustentabilidade denomina-se como produção sustentável (figura 3). Na sequência, com 29%, aparece o entendimento de algo autossustentável, demais 15% categorizaram como recuperação do ambiente. Alguns deles compreendem ainda a sustentabilidade como lucratividade e equilíbrio. Também há os que alegaram ter pouco conhecimento sobre o tema.

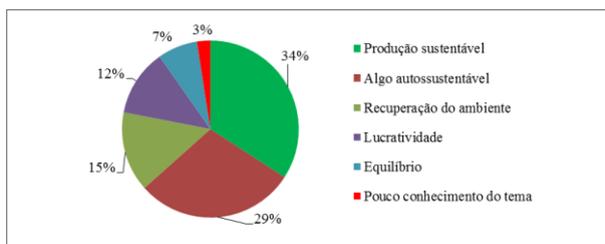


Figura 3. Conceito de sustentabilidade consoante os entrevistados.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A sustentabilidade é a capacidade de algo se autossustentar, de se manter. A concepção está associada à qualidade do que é sustentável, que por sua vez está relacionado com a possibilidade de uma determinada atividade humana prosseguir por um tempo indeterminado, que transcende gerações e gerações (SILVEIRA, 2017). Os autores entendem que é relevante buscar possibilidades para chegar à almejada sustentabilidade, em uma, ou mais de suas três principais dimensões: econômica, social e ambiental.

Na intenção de complementar a ideia de sustentabilidade foi levantado quais seriam os processos necessários para atingir esta tal sustentabilidade na visão da juventude. Essa indagação obteve uma diversidade de respostas. Delas, teve 24% que afirmaram que são necessários meios econômicos e sociais para alcançar a sustentabilidade, em contrapartida 22% disseram ser preciso inovar e

organizar, supondo utilizar as práticas alternativas, enquanto que para 19% faz-se necessário ética (figura 4).

Outros afirmaram que a sustentabilidade é atingida quando a produção não prejudica o meio ambiente, ou seja, garante a qualidade do solo e do meio. Demais acreditam que a sustentabilidade é alcançada quando posto em prática as propriedades agroecológicas e quando se é naturalista. Informações ilustradas na figura 4.

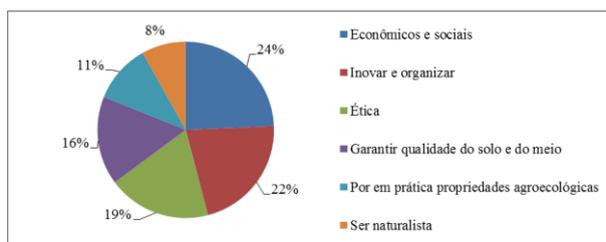


Figura 4. Processos necessários para atingir a sustentabilidade segundo os entrevistados.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Quando questionados sobre a contribuição que a participação no Núcleo de Estudo em Agroecologia agregaria a suas vidas, 51% deles disseram que colaboraria com conhecimento, em práticas agroecológicas e sustentáveis, importantíssimo para a vida do ser humano, demais 23% referiram que a cooperação seria para melhorar a produção e a saúde das pessoas. Ainda mencionaram que aprenderiam a ter qualidade de vida, saber gerir a propriedade rural, e serem incentivo à população no sentido de contribuir com o meio ambiente e consequentemente com a vida.

Zanon et al. (2013) procuraram saber, por meio de entrevistas, a importância da agricultura familiar agroecológica como forma de valorização da comunidade local nos aspectos sociais, econômicos, ambientais e as mudanças ocorridas nas práticas agrícolas, destacando as alternativas sustentáveis e seus benefícios para a comunidade local. Sendo que os autores notaram nas respostas dos entrevistados, uma preocupação em preservar o meio ambiente para as gerações futuras e sobre melhorar a qualidade de vida, assim como observado com os entrevistados participantes do projeto NEA.

À vista disso, compreende a importância dos projetos de formação, levando aos jovens informações, conceitos e experiências de

aprendizagem envolvendo as práticas agroecológicas sustentáveis, no intuito de contribuir com o desenvolvimento da juventude, a permanência deles no espaço rural e gerando melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada observou que 72% dos participantes do projeto NEA se declaram estudantes, além dos que são educadores das EFAs, o que pode facilitar no processo de formação. Eles possuem certo entendimento acerca da proposta agroecológica enquanto estilo de agricultura sustentável e valorização da vida humana, que também proporciona desenvolvimento rural, permanência no campo e geração de renda.

Acreditam que sustentabilidade está relacionada com produção sustentável e recuperação do meio ambiente, e que para alcançar a sustentabilidade são necessários meios econômicos e sociais, inovação e organização, bem como garantir a qualidade do solo e do meio ambiente.

O principal interesse em participar do projeto está relacionado a obter conhecimento em práticas agroecológicas de produção para implementar nas propriedades rurais, e na possibilidade de aperfeiçoar a produção para oferecer alimentos de qualidade de modo a contribuir com a saúde das pessoas e com aumento da renda. Os dados levantados são valiosos para nortear as atividades do Núcleo e avaliar, futuramente, o progresso dos mesmos no processo agroecológico.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos financiadores: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC); Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); Ministério da Educação (MEC); e Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil da Presidência da República (SEAD).

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. **Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia**. Ambiente e Sociedade. vol.10, n.1, p. 137-150. ISSN 1809-4422. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2007000100009>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- ALTIERI, Miguel Angel. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª ed. Porto Alegre: UFRGS. 2008. 120 p. Disponível em: https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia_short_port.pdf. Acesso em: 12 de dez. 2020.
- ARRUDA, Rafael Vinícius de; ARAÚJO, Victória Pontes Damasceno. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.16, n. 29; 2019.
- AZEVEDO, Francisco Fransualdo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar no Brasil: Uma análise sobre a situação regional e setorial dos recursos. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 23 n. 3, 483-496, set/dez. 2011.
- BIANCHINI, Paola Cortez; TAKAGI, Maya; PIRAUX, Marc; TONNEAU, Jean-Philippe; BIANCHINI; Fabrício; FERREIRA, Maria Aldete Justiniano da Fonseca; SILVA, Pedro Carlos Gama da. **Documentos 275 - Agricultura Familiar, Territórios e Políticas Públicas: Diretrizes para uma agenda de Pesquisa**. Petrolina, PE, Embrapa Semiárido. 2016. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/151704/1/SDC2752.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.831.htm. Acesso em: 12 set. 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Artigo 207. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_207_.asp. Acesso em: 12 set. 2020.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004.
- CAPORAL, Francisco Roberto; PETERSEN, Paulo. Agroecologia e políticas públicas na América Latina: o caso do Brasil. **Agroecologia**, v. 6, p. 63-74, 2011.
- CAPORAL, Francisco Roberto. Em defesa de um plano nacional de transição agroecológica: Compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. *In*: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (orgs). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.
- COSTA JÚNIOR, Hélio Pereira da. **Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar na localidade do Acorado em Rosário da Limeira – MG**. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) – Centro Universitário de Caratinga - UNEC, Caratinga, MG, 2007.

Eliane Silva Leite, Emily Danielly Xavier de Lima, Tainara Xavier Gomes Roberto, Dickson de Moraes, Clodoaldo de Oliveira Freitas– **Perfil de Entrada dos Jovens do Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) em Rondônia (Brasil)**

FREITAS, Alan Ferreira de; FREITAS, Alair Ferreira de; DIAS, Marcel Miná. **Uso do diagnóstico participativo (DRP) como metodologias de projetos de extensão universitária – Relatos de Experiência.** Em extensão, Uberlândia, v. 11 n.2, p69-81, jul. / dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20780/11882>. Acesso em: 12 out. 2020.

FOGUESATTO, Cristian Rogério; ARTUZO, Felipe Dalzotto; LAGO, Adriano; MACHADO, João Armando. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v.37, n.130, p.15-28, 2016.

GLIESSMAN, Stephen Richard. Quantifying the agroecological component of sustainable agriculture: a goal. In: GLIESSMAN, S. R. (ed.). **Agroecology: researching the ecological basis for sustainable agriculture.** New York: Springer-Verlag, 1990. p.366-399.

GUZMÁN CASADO, Gloria Isabel ; MOLINA, Manuel González; GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible. Madrid: Mundi-Prensa, p. 535, 2000.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea. 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9678/1/TD_2538.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

KUMMER, Rodrigo. O viés enviesado: A migração rural feminina a partir do olhar masculino. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373329828_ARQUIVO_KUMMER,R.Oviesenviesado_amigracaoruralfemininaapartirdoolharmasculino.pdf. Acesso em 12 jun. 2020.

KUSNIEWSKI, Fernanda Paula Piran; SEGANFREDO, Kátia Aparecida; BORBA, Maude Regina de. Agroecologia e educação do campo: meios de promover a permanência do jovem no campo? **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/rt/printerFriendly/31991/html>. Acesso em: 12 março 2021.

LAMARCHE, Hugues (coord.). **A agricultura familiar: Comparação internacional - Uma realidade multiforme.** Tradução Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/621483/mod_resource/content/3/Lamarche%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. As necessidades humanas, os saberes, a utopia: A agroecologia, os cerrados e sua proteção. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (orgs). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 328 p.

RAMOS, Rodrigo Ferraz; MACHADO, José Tobias Marks; TONIN, Jeferson; SOBUCKI, Lisiane; BTEMPS, Débora Leitzke. Agroecologia e Extensão: o movimento estudantil em defesa de uma nova Agronomia. **Revista Brasileira de Extensão Universitária.** v.8, n.3, p. 135-142, 2017.

Eliane Silva Leite, Emily Danielly Xavier de Lima, Tainara Xavier Gomes Roberto, Dickson de Moraes, Clodoaldo de Oliveira Freitas– **Perfil de Entrada dos Jovens do Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) em Rondônia (Brasil)**

SANTOS, Alessio Moreira; MITJA, Danielle. Agricultura familiar e desenvolvimento local: os desafios para a sustentabilidade econômico-ecológica na comunidade de Palmares II, Parauapebas, PA. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 1, 2016.

SANTOS, Christiane Fernandes dos; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; ARAÚJO, Iriane Teresa; MAIA, Zildenice Matias Guedes. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente e Sociedade**, vol.17, n.2. São Paulo. Abril/Junho 2014.

SILVA, Wedson Aleff Oliveira da; COSTA, Amanda Dias; MELO, David Marx Antunes de; VIANA, Pedro Henrique Feliciano; ARAÚJO, Alexandre Eduardo. **Metodologias participativas no processo de formação de agricultores em Serra Caiada-RN**. III CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS – COINTER – PDVAGRO. 2018.

SILVA NETO, Benedito. Agroecologia, ciência e emancipação humana. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 8, n. 1, p. 3-17, 2013.

SILVEIRA, José Henrique Porto. Apresentação. *In*: SILVEIRA, José Henrique Porto (org.). **Sustentabilidade e Responsabilidade Social: Artigos Brasileiros**. Belo Horizonte - MG: Poisson, 2017, v. 6, 1ª ed., 207p.

STRECK, Danilo Romeu. Participatory research methodologies and popular education: reflections on quality criteria. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu: SP. 2016, v. 20, nº 58, p. 537-47.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018.

ZANON, João Silvano; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores; LOURENZI, Lucineia; CASSOL, Kelly Perlin; ANSCHAU, Magali Rambo. As práticas agroecológicas e a caracterização produtiva do distrito Pains, Santa Maria, RS. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 17, n. 3, set./dez. 2013. ISSN 2236-4994.